

# Por que Freud hoje?<sup>1</sup>

Fábio Martins Pereira<sup>2</sup>  
Fernando Negri Fracasso<sup>3</sup>

**Resumo:** Nosso artigo se propõe a analisar a vigência do estudo das teses freudianas na contemporaneidade. Para tanto, mostramos algumas interfaces da Psicanálise na atualidade por meio de uma analogia com a Botânica. Ademais, com o emprego de uma peculiar conceituação de Michel Foucault sobre o termo *autor*, tentamos justificar certa atemporalidade das concepções psicanalíticas de Freud.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Discursividade. Epistemologia. Psicanálise. Teoria freudiana.

*de quem viveu tempo demais entre gente inimiga:  
se estava amiúde errado e era algumas vezes absurdo,  
já não é mais uma pessoa  
para nós, mas um clima de opinião*

*for one who'd lived among enemies so long:  
if often he was wrong and, at times, absurd,  
to us he is no more a person  
now but a whole climate of opinion*

Em memória de Sigmund Freud<sup>4</sup>

---

1 Trabalho originalmente apresentado em 30/06/2018 no IV Simpósio da Associação de Membros do Instituto (Da Raiz à Folha - Genealogias da Formação) na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

2 Médico psiquiatra, membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

3 Médico psiquiatra, membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

4 Auden, W. H. (2013). *Poemas*. (J. P. Paz, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Dentro da Botânica, a seiva é o fluido circulante no organismo vegetal. Subdividida em bruta e elaborada, sem ela as substâncias do solo são incapazes de alimentar os tecidos, desde a raiz até suas longínquas folhas. Desse modo, uma planta, para se desenvolver, precisa do fluxo contínuo de certos elementos. Não seria diferente com a Psicanálise – nutrida, germina; caso contrário, perece.

Tomando como metáfora o modelo biológico, o pensamento freudiano fundou-se na permanente troca entre o ambiente cultural, a prática clínica e a teoria decorrente; aqui, respectivamente, os nutrientes e as seivas, bruta e elaborada. Assim, acreditamos que todo psicanalista deve percorrer o máximo possível a árvore do conhecimento psicanalítico, bem como o terreno fornecedor de seus ingredientes essenciais; primeiro por seu caráter histórico, genealógico; segundo, para, a partir disso, nutrir-se com vistas à prática no século XXI.

Ainda enquanto analogia, acreditamos ser útil comparar o pensamento freudiano com a seiva que alimenta e faz nascer o novo, multiplicando o saber<sup>5</sup> *lato sensu*. Logo, nosso trabalho propõe a reflexão sobre a importância das teorias freudianas na contemporaneidade. Para tanto, acompanhados da interface com a filosofia, propomos analisar o solo de onde provêm as teses vienenses, bem como a gama de diálogos proposta pela Psicanálise, sinalizando algumas ramificações desse olhar. Disso nos importa a peculiar conceituação de *autor* proposta por Michel Foucault, visto que tal abordagem permite, a nosso ver, a concepção de certa atemporalidade de Freud enquanto *fundador de discursividade* (Foucault, 2015).

### **Do solo e das raízes...**

Durante seus anos de formação acadêmica, o jovem Sigmund Freud participou de inúmeros cursos extraclasse como fisiologia, zoologia e botânica. Roudinesco e Plon, em seu *Dicionário de psicanálise*, enumeram vinte e um artigos pré-psicanalíticos de Freud, versando sobre temas como medicina, neurologia, histologia, etc. Além do mais, o pai da Psicanálise estudou durante seis anos no Laboratório de Fisiologia em Viena, tendo abandonado o local em prol do seguimento dos estudos médicos, segundo consta, devido a questões econômicas pessoais (Roudinesco & Plon, 1998). Temos aqui um pesquisador, um cientista. Mas o que isso significava na aurora do séc. XX?

---

5 Assumindo serem as palavras “conhecimento” e “saber” conceitos filosóficos não necessariamente sobrepostos, no presente trabalho optamos por utilizá-los como semelhantes por uma questão estilística. Justificamos a sinonímia lembrando que nossa proposta tem o intuito de apontar as interfaces da psicanálise, não submetê-la à investigação epistemológica.

O terreno fértil das ideias, na segunda metade do séc. XIX, era capitaneado pela ciência positivista, caracterizada, dentre outras, pelo método empírico como principal fonte de conhecimento. Originário do pensamento aristotélico, o empirismo afirmava ser a apreensão pelos sentidos o modo de obtenção do saber. Em contrapartida, o racionalismo, fruto das teses platônicas, pregava a superioridade da razão sobre os dados perceptíveis na aquisição de respostas. Através de seu enfoque cumulativo e teleológico, o movimento positivista defendia o progresso das sociedades por meio da acumulação de verdades empiricamente certificadas. Além do mais, enfatizamos que a ideia de uma finalidade na história e nas ciências era predominante no pensamento vigente, sendo quebrada somente por Charles Darwin que, com suas teses evolucionistas, exclui a noção de que a natureza tenha um plano predefinido (Machado, 2013a).

Por fim, Francis Bacon, René Descartes (Machado, 2013b) e Immanuel Kant (Barreto, 2013), com suas afirmações sobre a obtenção do conhecimento por meio da razão, podem ser considerados semeadores do que, posteriormente, será chamado método científico. Nesse contexto, ressaltamos que Kant promove uma aproximação entre empirismo e racionalismo. Para o filósofo alemão, o que é cognoscível são os fenômenos e as leis que os regem, e esse saber só pode ser obtido pela investigação, ou seja, pela elaboração intelectual de observações, excluindo outras fontes de compreensão como a revelação, a intuição ou a adivinhação (Barreto, 2013).

### **Ao tronco, seus ramos...**

Também no século XIX predominava a chamada “querela dos métodos”, discussão acerca de dois tipos de objetos apreensíveis pelo conhecimento e suas formas de investigação: os naturais e os históricos. Seguindo a distinção proposta pelo filósofo e historiador alemão Wilhelm Dilthey, as ciências foram divididas em *Naturwissenschaften* (Naturais ou Empíricas) e *Geisteswissenschaften* (Do Espírito, da Cultura ou Humanas) (Assoun, 1983).

Nas Ciências Naturais, o resultado da percepção e análise de determinado objeto pode ser extrapolado para todos os demais constituintes dessa classe. Do individual chegamos ao universal. Assim, ponderando sobre o movimento de queda de uma maçã, primeiro afirmamos que todas as maçãs, ao caírem, se portam da mesma maneira. Em seguida, por analogia, consideramos que todos os objetos em semelhante situação comportar-se-ão dessa forma. E, finalmente, submetemos nossa suposição à prova da verificabilidade. Consequentemente, a natureza aqui descrita possui uma regularidade, sendo, portanto, previsível. Além da física aqui

citada, são também exemplos de ciências empíricas a química, a astronomia e a biologia. Observemos a semelhança entre a definição de Ciências Naturais (ou Empíricas) e Ciência Positivista. Embora não sobrepostos, imaginamos que no contexto histórico dessa leitura tais conceitos podem ser aproximados, pegos como sinônimos, sendo genericamente denominados “ciência”.

Nas Ciências Humanas, ou Humanidades, em contrapartida, a universalidade torna-se um ato impossível devido à singularidade dos fenômenos analisados (as civilizações, os rituais, as obras de arte, etc.). A simples observação e posterior explicação dos fatos via geração de hipóteses torna-se uma operação impossível. É preciso compreender, interpretar, adentrar no terreno do *sentido*. Aqui, cada objeto possui uma singularidade ímpar, irredutível numa classe conceitual. Para tal estudo, o método hermenêutico se mostrava o mais adequado. Em tempo, a hermenêutica, mormente associada à arte ou teoria da interpretação, com sua origem na interpretação/decifração dos textos sagrados, propõe regras e critérios para entender o que um autor ou nativo quis “realmente” dizer (Ferrater-Mora, 2005). São exemplos de Ciências Humanas a filosofia, a antropologia e a literatura.

Assim, apontamos que a Psicanálise, conforme visto até agora, pode se inclinar para o ramo das Ciências Naturais, se nos ativermos à observação do comportamento humano, seu desenvolvimento e semelhanças entre os indivíduos, ou para o das Humanidades, caso predomine a procura do sentido e da singularidade na história do sujeito. Ambas as propostas são passíveis de críticas; no entanto, a intenção de nosso trabalho é mostrar a pluralidade de diálogo com as teses psicanalíticas, e não submetê-las ao escrutínio. Notamos, ainda, que a busca da verdade, seja ela una ou múltipla, também corre pelos ramos da árvore de conhecimentos sob a sombra da qual Freud se recostou. Desse modo, o mestre vienense argumentou reiteradamente ser a Psicanálise uma Ciência (“Positivista”, “da Natureza”), como podemos ver, de forma direta, em uma passagem do texto *Autobiografia* (1925/2006a):

Já ouvi dizer várias vezes em tom de desprezo que é impossível aceitar seriamente uma ciência cujos conceitos mais gerais se ressentem de exatidão, como os da libido e do instinto na Psicanálise. Mas essa censura repousa numa concepção errônea dos fatos. Conceitos básicos claros e definições vivamente traçadas somente são possíveis nas ciências mentais [Geisteswissenschaften], até o ponto em que estas procuram ajustar uma região de fatos no arcabouço de um sistema lógico. Nas ciências da natureza [Naturwissenschaften], das quais a psicologia é uma delas, tais conceitos gerais nítidos são supérfluos e na realidade impossíveis. (Freud, 1925/2006a, pp. 60-61)

Ou ainda, para citar a pretensão científica em outra fonte, desta vez de forma indireta, na Conferência XXXV das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933/2006b):

O progresso do trabalho científico se dá de modo muito semelhante ao da análise. Iniciamos o trabalho com certas expectativas, mas devemos afastá-las. Com a observação, aprendemos ora aqui ora ali algo novo, mas as partes não formam de início um conjunto coerente. Criamos então suposições, construímos hipóteses auxiliares, que abandonamos quando não se confirmam. É necessário ter paciência e disposição para avaliar todas as possibilidades, renunciando às nossas primeiras convicções; pois, dominados por elas, deixaríamos de perceber fatores novos e inesperados. E no final, todo o nosso esforço se vê recompensado: as descobertas isoladas se organizam num conjunto bem ajustado, e tem-se a visão de uma parte do acontecer psíquico; a tarefa está concluída, e estamos prontos para a seguinte. (Freud, 1933/2006b, p. 169)

Atentamos aqui para as palavras *progresso, trabalho científico, observação, suposições*, fazendo coro com a definição de ciência exposta anteriormente. Ademais, o *Projeto para uma psicologia científica*, embora publicado postumamente, e sem o consentimento do autor, mostra de maneira inequívoca a tentativa de validar a Psicanálise no modelo científico corrente, utilizando, para tanto, o raciocínio da física mecanicista (Freud, 1895/2006c).

Em tempo, o debate acerca da cientificidade da Psicanálise foi minuciosamente explorado por vários pesquisadores. Renato Mezan, professor de psicologia da PUC-SP, em artigo intitulado *Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?*, analisa de forma pormenorizada a questão (Mezan, 2014). Também, o psicanalista francês Paul-Laurent Assoun se debruça sobre a mesma problemática em vários de seus livros. Ambos os autores esclarecem que a Psicanálise penderia para um ou outro ramo do conhecimento conforme a definição de ciência utilizada, lembrando que a separação de Dilthey era o modelo em vigor no tempo e no ambiente cultural de Freud. Tal debate é rico em entroncamentos, explanações e aberturas, como nos mostram Bleichmar e Bleichmar (1992) e Kupermann (2018).

No entanto, adiantamos partilhar da argumentação hermenêutica, sendo, portanto, a Psicanálise uma disciplina “humana”. Para isso, nos apropriamos de uma discussão levantada por Graña, na qual é feita, por meio da evolução histórica do conceito, uma aproximação entre hermenêutica e psicanálise, refletindo acerca do significado da interpretação para as duas disciplinas (Graña, 2014). Para esse autor, a interpretação, na hermenêutica contemporânea, torna-se infinita, um desdobramento contínuo, estando a verdade em constante mutação.

## Suas folhas...

Vejam, a partir de nossa bifurcação, a riqueza de aplicações da Psicanálise na atualidade, conforme se percorre os galhos “Científico” ou “das Humanidades”. Pretendemos aqui somente apontar para os diversos troncos do conhecimento cuja expansão as teses freudianas ajudaram a alimentar. Das ciências naturais vemos a relação com a psiquiatria e a neurociência, presente em textos como *As neuropsicoses de defesa* (1894/2006d) e *Projeto para uma psicologia científica* (1895/2006c). E, do ramo hermenêutico, proliferam estudos aplicados em filosofia, antropologia, literatura, como *O futuro de uma ilusão* (1927/2006e), *Totem e tabu* (1913/2006f) ou *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907/2006g), apenas para citar textos de leitura corrente entre psicanalistas em formação. Para mencionar as reflexões do próprio Freud, lembremos de *O interesse científico da psicanálise* (1913/2006h), artigo que discorre sobre várias interfaces com outras disciplinas do saber. Isso sem contar as teorias decorrentes das leituras que os próprios psicanalistas fizeram dos enunciados do mestre vienense. Tal argumentação já bastaria para demonstrar a pulverização e a influência do pensamento freudiano nas diversas disciplinas do século XXI. Todavia, a distinta leitura que o filósofo francês Michel Foucault fez das teses freudianas nos parecem enraizá-las permanentemente na cultura ocidental.

## E frutos

Se dos frutos advêm novas plantas, proliferando a espécie, vemos até onde os ventos do século passado levaram as sementes do pensamento freudiano num solo muito especial: a própria Psicanálise.

Michel Foucault (1926-1984) foi um importante pensador francês. Crítico da modernidade, questionando os pressupostos racionalistas, o modelo de ciência e a concepção de subjetividade, seu pensamento teve grande impacto na filosofia, na psicologia e nas ciências sociais. Inicialmente arrebatado pelo estruturalismo francês e pela fenomenologia alemã, foi também profundamente influenciado por Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Freud, mantendo com a obra desse último uma relação simultaneamente receptiva e de profunda crítica (Motta, 2015).

Em texto oriundo de uma palestra intitulada *O que é um autor?*, Foucault propõe um original e abrangente entendimento da relação entre o autor e a obra. Apoiado em suas reflexões sobre a formação do discurso, o filósofo define Freud e Marx como *fundadores de discursividade* (Foucault, 2015). Estes não seriam

apenas criadores de suas teses, mas também produtores de toda uma rede de discursos gerada a partir delas. Afirma Foucault:

Mas parece-me que se viu aparecer, durante o século XIX, na Europa, tipos de autores bastante singulares e que não poderiam ser confundidos nem com os “grandes” autores literários, nem com os autores de textos religiosos canônicos, nem com os fundadores das ciências. Vamos chamá-los, de uma maneira um pouco arbitrária, de “fundadores de discursividade”. (Foucault, 2015, p. 284)

Estes autores têm de particular o fato de que eles não são somente os autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Nesse sentido, eles são bastante diferentes, por exemplo, de um autor de romances que, no fundo, é sempre o autor do seu próprio texto. Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou de *O Chiste*; Marx não é simplesmente o autor do *Manifesto* ou de *O Capital*; eles estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos... (Foucault, 2015, pp. 284-285)

Foucault atesta ser Freud um *fundador* por ter sido capaz de produzir textos *heterogêneos*, sendo estes parcialmente irreduzíveis, ou seja, caracterizados pelo fato de que qualquer desenvolvimento posterior precise dialogar com o criador, compondo assim a proliferação do que chama *diferenças*. Aponta ele:

Dizer que Freud fundou a psicanálise não quer dizer (isso não quer simplesmente dizer) que se possa encontrar o conceito da libido, ou a técnica de análise dos sonhos em Abraham ou Melanie Klein, é dizer que Freud tornou possível certo número de *diferenças* [grifo nosso] em relação aos seus textos, aos seus conceitos, as suas hipóteses, que dizem respeito ao próprio discurso psicanalítico. (Foucault, 2015, p. 286)

Tal argumentação opõe-se à de autores *transdiscursivos*, aqui entendidos como os geradores dos textos científicos. Nestes, o caráter dito homogêneo dos discursos permitiria uma continuidade entre o novo e o modelo gerado pelo autor. Isto é, a nova proposta conceitual abrangeria a anterior, englobando-a, e transformando o antigo em um caso particular do novo. O filósofo francês exemplifica sua reflexão com o modelo da física em Galileu, Newton e Einstein. Ou seja, as teorias do último seriam capazes de explicar as anteriores (Foucault, 2015).

Por fim, o termo *diferença* merece destaque. Com este conceito Foucault defende a necessidade de um *retorno à origem* dos textos fundadores, argumentando que novos conceitos só poderiam proliferar advindos dessa dessemelhança; a saber, a dita entre o modelo conceitual do autor e a nova proposta discursiva. Diferir, aqui, possui um caráter positivo, não reduzível. A *diferença* foucaultiana cria

(Revel, 2011). A título de curiosidade, Jacques Lacan se fazia presente na plateia e endossou a fala do palestrante referindo-se ao bordão *Retorno a Freud* que lhe era peculiar.

Concluindo nossa resenha, propomos um broto de pensamento, um porvir de reflexão. Quando aproximados das teses freudianas, tanto *diferença* em Foucault, aqui apontada por nós, quanto o termo *destruição* em Heidegger, analisado por Graña (2016), longe de serem atos de anulação, possibilitam sua perpetuação. *Retornar às origens* significa menos um movimento de regresso e mais um ato disseminador; assim como *destruir*, um testemunho de amor, não um gesto aniquilador.

Todavia, a aceitação de nosso raciocínio pressupõe, conforme o exposto, o reconhecimento da Psicanálise enquanto atividade hermenêutica, método investigativo do ramo das Humanidades, com suas consequentes implicações. Sendo hermenêutica a teoria da interpretação/deciframento ou interpretação/desdobramento, importa salientar que o psicanalista se alimenta do estudo desse ramo, uma vez que a atividade interpretativa, qual seja a definição aqui adotada, faz parte do arsenal utilizado na *práxis* analítica.

A partir disso, pensamos ser possível justificar a leitura dos cânones freudianos hoje, enquanto criadores de uma rede de discursos, não só na sua atualidade, mas também na nossa, e na atualidade por vir, possibilitando a polinização da Psicanálise no solo fértil da singularidade humana. Para nós, no terreno da discursividade, enquanto gerador de *diferença*, Freud se mostra inextinguível.

### Why Freud nowadays?

**Abstract:** Our text proposes to analyze the validity of the study of Freudian theses in contemporary times. Using an analogy with botany, we show some interfaces of Psychoanalysis today. Moreover, employing a peculiar conceptualization of Michel Foucault on the term author, our article tries to justify a certain timelessness of Freud's psychoanalytic conceptions.

**Keywords:** Contemporaneity. Discursiveness. Epistemology. Freudian theory. Psychoanalysis.

### Referências

- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Barreto, S. (2013). Kant e o conhecimento na Crítica da Razão Pura. In A. M. Cabral, J. L. Sampaio, R. N. Bittencourt, & T. M. S. Barros (Orgs.), *Filosofia: Um panorama histórico-temático*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Bleichmar, N. M., & Bleichmar, C. L. (1992). Problemas epistemológicos na teoria psicanalítica. In *A psicanálise depois de Freud: Teoria e técnica*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Ferrater-Mora, J. (2005). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2015). O que é um autor? In *Ditos e escritos* (4ª ed., Vol. 3). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

Freud, S. (2006a). Autobiografia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

Freud, S. (2006b). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (2006c). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

Freud, S. (2006d). As neuropsicoses de defesa. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894)

Freud, S. (2006e). O futuro de uma ilusão. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)

Freud, S. (2006f). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (2006g). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)

Freud, S. (2006h). O interesse científico da psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Graña, R. (2014). A crise da interpretação: Da decifração ao desdobramento. In *O declínio da interpretação: Experiência e intervenção em psicanálise*. Curitiba: Juruá Editora.

Graña R. (2016). *A psicanálise e a crítica filosófica: Heidegger ou as vicissitudes da destruição*. Porto Alegre: AGE Editora.

Kupermann, D. (Org.). (2018). *Por que Freud hoje?* São Paulo: Zagodoni Editora.

Machado, C. A. (2013a). O problema da demarcação: Uma questão de critérios - do Círculo de Viena a Lakatos. In A. M. Cabral, J. L. Sampaio, R. N. Bittencourt, T. M. S. Barros (Orgs.), *Filosofia: Um panorama histórico-temático*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Machado, C. A. (2013b). Da ciência antiga à ciência moderna: O método científico e as concepções da natureza. In A. M. Cabral, J. L. Sampaio, R. N. Bittencourt, T. M. S. Barros (Orgs.), *Filosofia: Um panorama histórico-temático*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Mezan, R. (2014). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? In *O tronco e os ramos: Estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Motta, M. B. (2015). Apresentação à edição brasileira. In M. Foucault, *Ditos e escritos* (4ª ed., Vol. 1). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

Revel, J. (2011). *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 31/08/2018

Aceito em: 17/09/2018

Fábio Martins Pereira  
Rua Pinheiro Machado, 2380/408  
97050-600 Santa Maria – RS – Brasil  
Email: fabiomartinspereira@yahoo.com.br

Fernando Negri Fracasso  
Avenida Taquara, 564/303  
90460-210 Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: contato@fernandonegrifracasso.com.br